HALCRO

De novo a boa nova

Um erro técnico na paginação dos «Sons» fez com que o texto de José Victor Henriques fosse publicado há oito dias com as imagens erradas. Para que os audiófilos não protestem, aqui se repete a prosa, agora devidamente acompanhada...

TEXTO DE JOSÉ VICTOR HENRIQUES

OS HALCRO VÊM DOS ANTÍPODAS – DA AUStrália. Tal como os cangurus são únicos: no aspecto e nas características. São os primeiros amplificadores do mundo que medem bem e soam melhor. A distorção harmónica é tão baixa que mesmo os mais sofisticados equipamentos de medida têm dificuldade em distingui-la da sua própria distorção...

Foram considerados Amplificador do Ano e Produto do Ano pela revista «Stereophile» e já tinham sido incensados pelo inefável Harry Pearson, da revista «The Absolute Sound». Os críticos da «Stereophile» ficaram de tal forma «a bater mal», para usar uma expressão de outro grande audiófilo, Eduardo Rodrigues, que propuseram abrir uma nova categoria para classificar os Halcro: A+.

Embalada por este coro de unanimidade, a Esotérico arriscou importar aquele que é já considerado como o mais revolucionário dos amplificadores: Bruce Candy, o projectista garante 99,9999% de fidelidade ao sinal original à máxima potência! O preço tem uns números parecidos...

Aliás, eu próprio cantei nesse coro, e numa das minhas reportagens da CES, de Las Vegas (a de 2003 está já em marcha!), escrevi:

«Os amplificadores Halcro são tão bons que é incrível como ainda ninguém os trouxe dos antípodas para a ilustre praia lusitana».

Ouvi os Halcro (dm58) em três ocasiões diferentes: em Las Vegas, alimentando um par de colunas Wilson Maxx e Revel Studio; e em Nova Iorque, primeiro com as deliciosas Piega C40, depois com as Rockport Antares. Neste último caso, passou-se algo de curioso. Um dos «tweeters» das Antares tinha um problema. No silêncio da sala, a pureza dos Halcro é tão avassaladora que se ouvia distintamente «a mosca na sopa». E não

pude deixar de comentar: «Os maravilhosos amplificadores Halcro dm68, com distorção infinitesimal, alimentavam um par de Antares, sendo que o «tweeter» de uma das colunas tinha um problema (distorção audível até por um surdo)...». Soube depois que o problema era mínimo e indetectável com outra amplificação...

Esta total ausência de distorção confere-lhes também absoluta neutralidade: não soam a válvulas nem a transístores. Num amplificador, a distorção soa como o velho «fantasma» na imagem da televisão. Na presença de duas notas próximas tocadas simultaneamente, com a segunda uma oitava acima da primeira, a distorção «cria» também uma terceira nota «fantasma» uma oitava abaixo desta. Se transposto para a complexidade de uma orquestra clássica, dava um bom tema para uma nova sequela de «Caça-Fantasmas». O cérebro habitua-se e elimina-os, ou faz por esquecê-los. Mas isso provoca stress auditivo e cansaço a longo prazo.

O que mais impressiona nos Halcro é a dinâmica: vai do sussurro sensual à explosão de sentimentos enquanto o diabo esfrega um olho. E parece ser incólume à complexidade da carga a alimentar: das colunas electrostáticas aos paquidermes de baixa impedância, tudo lhes serve. Como é óbvio exigem ser servidos apenas com iguarias acústicas: um mau disco vai soar com requintes de... malvadez. Mas também vai descobrir «nuances» nos discos que nem sabia que estavam lá.

Assim, este texto pretende ser apenas um daqueles bilhetinhos onde registamos os nossos desejos íntimos para o Ano Novo: em 2003 quero ter oportunidade de voltar a ouvir os Halcro, agora no meu habitat natural. Só para dar uma voltinha, juro! ■

jvhsom@netcabo.pt

Para mais informações: Esotérico, tel. 21.983. 89.44/ 91.959.07. 64 . www. esoterico.pt